

Contribuição da Filosofia Pré-Socrática para a Poesia Lírica da Grécia do séc. VI a.C.

Contribution of the Presocratic Philosophy to the Greek Lyric Poetry of the VI B.C

Odi Alexander Rocha da Silva

o_alexander_r@hotmail.com

Professor de literatura grega na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Resumo

O presente estudo discorre sobre a importância da filosofia pré-socrática no surgimento da vida interior, tema bastante explorado na poesia lírica da Grécia do séc. VI a.C., em maior grau pela poetisa Safo de Lesbos. Enquanto que em Homero tínhamos a arte literária impessoal e destituída de profundidade psicológica, na poesia lírica temos o levantamento de questões do íntimo humano. Entretanto, tais reflexões foram possíveis tendo em vista o advento da filosofia pré-socrática. Surgida quase ao mesmo tempo que a lírica, esta filosofia propôs uma outra interpretação para as questões da natureza, proporcionando uma nova leitura sobre o mundo e sobre os mitos. Tal releitura também alcançou a arte literária, influenciando-a. Em nossas reflexões sobre a contribuição da filosofia pré-socrática à poesia lírica, não nos restringimos a este ou aquele pensador, mas sim à filosofia de um modo geral. O presente estudo se ampara nos pressupostos teóricos estabelecidos por Jean-Pierre Vernant (1986), Gerd Borheim (1999), Bruno Snell (1992) e em variada bibliografia que direta ou indiretamente está relacionada ao tema em apreço.

Palavras-chave: indivíduo, filosofia, natureza, mito, poesia, Safo.

Abstract

The present study deals with the role of pre-Socratic philosophy in the appearing of inner life, which a very approached theme in Greek lyric poetry of VI b.C, mainly by Sappho of Lesbos. While in Homer we had some very impersonal form of art without psychology, in Greek lyric poetry we have questions that deal with inner feelings. However, this reflections were possible because the existence of the presocratic philosophy which was born almost at the same as greek lyric poetry. This philosophy proposed a new interpretation to the question about nature and a new notion about about the world in general and the myths. This new interpretation reach also the practice of literary art, put its influences in it. In our reflections about the contribution of presocratic philosophy, we don't emphasize this or that philosopher, but the thought of the philosophy as a whole. The present study is based on the reflection established by Jean-Pierre Vernant (1986), Gerd Borheim (1999), Bruno Snell (1992) and in some bibliography concerned to the theme direct or indirectly.

Key words: individual, philosophy, nature, myth, poetry, Sappho.

Considerações iniciais

Não há literatura ou concepção filosófica que surja "do nada". Assim como todo e qualquer fenômeno literário ou filosófico, a poesia lírica da Grécia antiga do séc. VI a.C. teve um

parâmetro inicial a partir do qual construiu seus fundamentos. Neste sentido, para que se possa definir a poesia lírica grega enquanto “investigação dos sentimentos”, precisamos entender de onde ela partiu a fim de constatarmos que ela *não é*, como se poderia pensar, um fenômeno fortuito na história da literatura ocidental.

A poesia lírica representa um momento no qual a arte literária inicia a explorar a vida interior, tendo esta como objeto de abordagem poética. Considerando-se que sua antecessora, a poesia épica, que tem como representante Homero, com os poemas *Ilíada* e *Odisseia*, apresentava características bastante díspares (impessoalidade, distância do poeta em relação ao que aborda, entre outros), haveria de se pensar que a passagem de uma total impessoalidade para uma profunda interioridade houvera de ser um fenômeno por demais abrupto. Entretanto, para entendermos a lógica deste fenômeno (o que explicaria inclusive o porquê de ele ter acontecido), precisaremos analisar um outro fenômeno, também ímpar na história do pensamento grego: a filosofia pré-socrática.

O presente trabalho, pois, contempla o objetivo de analisar o papel da filosofia pré-socrática enquanto pensamento incentivador na busca pela compreensão da vida interior. Para os propósitos desta discussão, nos referiremos à dita filosofia em termos gerais, não tendo a preocupação de focar este ou aquele pensador. Desta forma, importa-nos abordar aqui sobre como a referida filosofia contribuiu para o desenvolvimento de uma práxis poética voltada para valorização do exame dos sentimentos humanos.

1. Conceitos fundamentais

1.1 A poesia lírica

A poesia lírica a que nos referiremos ao longo deste estudo é formada por duas práticas literárias bastante específicas, a saber: a *lírica monódica*, da qual faz parte, dentre outros poetas, a escritora Safo de Lesbos. A lírica monódica é definida por Schuler (1985, p. 35) como aquela em que “o poeta exprime seus próprios sentimentos”; paralelamente à lírica monódica, tem-se a *lírica coral*, na qual “os poemas compostos para um coro vinculam-se ao júbilo dos dias festivos” (SCHÜLER, 1985, p. 35).

Apesar dos diferentes direcionamentos estilísticos que possuem, ambas as líricas, monódica e coral, teriam um fundo em comum, qual seja a *discussão de temas existenciais*. Nessas discussões, a lírica caracteriza-se basicamente por um fenômeno que proporcionou “um avanço fundamental na poesia amorosa: aos temas tradicionais que conhecemos pela poesia popular, acrescentou outros novos e em todos eles introduziu um espírito novo” (ADRADOS, 1996, p. 141)¹. Dito de outro modo, a discussão existencial, na poesia lírica monódica é comumente caracterizada pela *imersão no individual*:

¹ No original: “Un avance fundamental en la poesía amorosa; a los temas tradicionales que conocemos por la poesía popular, añadió otros nuevos y en todos ellos introdujo un nuevo espíritu”.

Ao separar-se da individualidade, o espírito recluso em si mesmo, perscruta sua consciência e procura dar satisfação à necessidade que este sente de exprimir não a realidade das coisas, mas o modo por que elas afetam a alma subjetiva e enriquecem a experiência pessoal, o conteúdo e a atividade da vida interior. (HEGEL, 1964, p. 290)

Nesse sentido, dizendo de outro modo, um poema será lírico não pelo fato de ser poema, mas por conter em si “uma dada experiência e uma dada postura mental perante a realidade do mundo” (MOISÉS, 1974, p. 307). Assim sendo, a poesia lírica, ao contemplar a expressão da vida interior como mote da produção poética, permite concluir que:

A interioridade constitui a verdadeira realidade da vida interior. [...] graças à libertação, já a alma é capaz de se exprimir e de dar aos sentimentos, até então obscuros, a forma de intuições e representações conscientes. É esta a missão essencial da poesia lírica e aquilo por que difere da poesia épica e da poesia dramática. (HEGEL, 1964, p. 291-2).

1.2 A lógica do mito

A abordagem da filosofia pré-socrática constituiu, dentre outros aspectos, uma abordagem a respeito do mito. Já no século VI a.C., quando então a filosofia pré-socrática colocava as suas primeiras questões, o mito por si mesmo já não mais satisfazia o homem enquanto explicação para o sentido e a lógica da vida. Com efeito, antes do advento da filosofia pré-socrática, o pensamento mítico ditava a interpretação do mundo e de seus fenômenos.

Conforme o pensamento mítico, toda a explicação a respeito da compreensão do mundo vinha, basicamente, “dos atos dos deuses”, ou seja, das determinações que esses impuseram para serem seguidos pelas pessoas através da religião. “Para o pensamento mítico, a experiência cotidiana se esclarecia e adquiria sentido em relação aos atos praticados pelos deuses “na origem” (VERNANT, 1986, p. 74). Não é de surpreender que os relatos míticos estejam repletos de façanhas de soberania como, por exemplo, o triunfo de um deus soberano contra seus rivais. Ou seja, a supremacia deste deus precisava ser constantemente afirmada, sobretudo para que nada nem ninguém pudesse pô-la em discussão.

Por conta dessa mesma afirmação da supremacia que não aceita ser discutida, é lícito asseverar que o mito, então, não procurava interrogar-se racionalmente sobre como o mundo ordenado surgiu do caos. Ele apenas respondia a questões que considerava primordiais, tais como “Quem é o deus soberano?”, “Quem conseguiu reinar sobre o Universo?”, entre outras (VERNANT, 1986, p. 81).

1.3 A filosofia pré-socrática

A filosofia pré-socrática recebeu este nome em virtude de haver surgido antes de Sócrates, isto é, antes daquele que seria o divisor de águas do pensamento grego como um todo.

O advento da filosofia pré-socrática (aproximadamente séc. VI a.C.) marcou, em linhas gerais, o declínio do pensamento mítico. A partir daí, as reflexões que surgiram passaram a repensar a formação do mundo e do homem mediante uma *investigação*. As evidências obtidas de tal investigação proporcionariam a construção uma *teoria* sobre o mundo e sobre os fenômenos que nele aconteciam. Dito de outro modo, “o que importa salientar é que se instaura na Grécia um tipo de comportamento humano mais acentuadamente racional” (BORHEIM, 1999, p. 8).

A nova forma de pensar trazida pela filosofia contempla, agora, a *physis*², natureza, como um elemento cuja origem e fundamento necessitam ser plausíveis à compreensão humana. Em outras palavras,

as vias pelas quais essa *physis* nasceu, diversificou-se e organizou-se são perfeitamente acessíveis à inteligência humana: a natureza não operou “no começo” de maneira diferente de como o faz ainda, cada dia, quando o fogo seca uma vestimenta molhada ou quando, num crivo agitado pela mão, as partes mais grossas se isolam e se reúnem. Como não há senão uma só natureza, que exclui a própria noção de sobrenatural, não há senão uma só temporalidade; o original e o primordial despojam-se de sua majestade e seu mistério; têm a banalidade tranquilizadora dos fenômenos familiares. (VERNANT, 1986, p. 73-74)

Mas não é apenas isto. Sobre esta mesma *physis*, ainda caberia mencionar que

existem modos específicos, de acordo com os quais, as coisas alcançam a sua manifestação: o repetido nascer do Sol e da Lua, o nascer dos homens e dos animais, o despontar, o crescer e o florir das plantas. Quando já não se presta atenção ao fato de que através destes modos as coisas conseguem tornar-se manifestas [...], prestando-se, ao invés disso, atenção aos modos específicos que preparam o seu ingresso no emergir, então a palavra *physis* é utilizada [...] para designar apenas o conjunto de entes constituídos por estes modos e, portanto, o conjunto dos vários tipos de desenvolvimento, ou seja, essa região particular do ser que é a realidade em devir. (SEVERINO, 1986, p. 26)

Temos, pois, agora, a natureza representada e explicada sob outros parâmetros, os quais objetivam mais a racionalidade que a religião na interpretação dos fenômenos do mundo. “Já não é o original que ilumina e transfigura o cotidiano; é o cotidiano que torna o original inteligível, fornecendo modelos para compreender como o mundo se formou e ordenou” (VERNANT, 1986, p. 74). Por outro lado, convém mencionar também que:

Ao dirigir-se à *Physis*, isto é, ao Todo que se mostra, a filosofia consegue ver o Todo no seu ser, livre dos véus do mito, livre dos traços alterados que este velamento confere ao rosto do Todo. Para a filosofia, libertar o Todo do mito significa que o Todo não é aquilo que fica depois de suscitado pela força inventiva do mito, mas sim por aquilo que *por si* é capaz de se mostrar e impor, precisamente porque se consegue manter manifesto e presente. E o todo não mostra conter aquilo que o mito conta (as teogonias e as vicissitudes dos deuses e sua relação com os homens), antes mostra o céu estrelado e o sol e a terra e o ar e a água dos mares e dos rios [...]. A filosofia (é) [...] desde o início como o deixar aparecer de tudo aquilo que é capaz de se tornar manifesto e que, portanto, se impõe (e não é imposto pela fantasia mítica), ou seja, é verdade irrefutável: *physis*. (SEVERINO, 1986, p. 24-25)

² *Physis* é uma palavra grega de difícil tradução. Em torno de seu campo semântico, em língua grega, giram uma miríade de questões políticas, sociais e culturais do mundo grego antigo; em virtude deste aspecto, o termo pode assumir as mais variadas traduções. Para os efeitos de nossa abordagem da filosofia pré-socrática, usaremos como sua tradução a palavra *natureza* alternadamente com *physis*, vocábulo transliterado do grego.

É bastante natural que, nesse “novo estado de coisas”, fosse feita a construção de novas cosmologias, as quais eram bastante diversas das cosmologias anteriores, tendo em vista que elas objetivavam, acima de tudo,

[...] ser livres de toda a imaginária dramática das teogonia e cosmogonias antigas. As grandes figuras das potências primordiais já se extinguíram. Nada de agentes sobrenaturais cujas aventuras, lutas, façanhas, formavam a trama dos mitos de gênese que narravam o aparecimento do mundo e instituição da ordem. (VERNANT, 1986, p. 73)

Em outras palavras, a nova forma de pensar procurou expressar uma opinião diversa sobre como o mundo pode se considerar e pensar a si mesmo enquanto ordem social, diferentemente dos relatos antigos, segundo os quais mundo tentava estabelecer-se tendo os deuses como sustentáculo. Entretanto, a nova forma de pensar, ainda que contemplando temas racionais ligados à pesquisa do mundo de maneira a torná-lo mais inteligível ao homem, utilizou-se por vezes do recurso da poesia para disseminação de suas reflexões.

Tem-se evidências de que um determinado número destes pensadores (pré-socráticos) compilaram suas ideias para um público não-especializado. Xenófanes escreveu poemas elegíacos e hexâmetros e (de acordo com a tradição) “rapsodiou” seus próprios trabalhos; Heráclito construiu aforismos que emulavam o discurso do oráculo délfico e Parmênides rivalizava com Homero e Hesíodo escrevendo poesia em verso hexâmetro. Não estou sugerindo que estes pensadores granjeavam um tipo de popularidade maior que a dos poetas tradicionais. A questão é que eles exploravam formas tradicionais de poesia e um discurso de autoridade em um esforço de atrair público e ganharem atenção³. (SHAPIRO, 2007, p. 177)

2. A repercussão no poético

A busca por uma visão mais *realista* da natureza teve uma repercussão direta sobre a arte poética. Com efeito, a poesia lírica, em seu aspecto predominante, nasce na região jônica, a qual, até fins do séc. VI a.C. era o centro cultural da Grécia antiga. Rapidamente, as localidades abrangidas por esta região tomam contato com os novos conceitos trazidos por este novo pensamento e então temos uma mudança na arte poética. Se, em Homero, havia uma grande riqueza de sobrenatural, na poesia lírica tal elemento simplesmente não ocorre. Os fenômenos da natureza, a partir de então, já são vistos em suas causas eminentemente naturais e não de forças além da compreensão humana.

Tendo o pensamento mítico sido motivo de revisão em seus antigos pressupostos, a poesia adquiriu um tom diferenciado do costumeiro (épico) na medida em que, influenciada pelas novas concepções filosóficas, já encarava o manifesto como algo destituído de uma perspectiva sobrenatural. Esse estado de coisas facilitou muito o descrédito da poesia épica, uma vez que a partir de então:

³ Claro que, mesmo que fizessem uso de formas poéticas populares para ganharem atenção, eles se engajaram em discussões especializadas a respeito da natureza do universo, da mudança e da realidade.

A narrativa ampla cede lugar a textos diminutos, produzidos por impulsos e apelos momentâneos. [...] Abalada em sua segurança exterior, fundamento da epopéia, a lírica desliza para o instável mundo interior, hostil à rigidez de medidas. [...] Essa foi a primeira alteração [...] que se transformou continuamente por imposições da necessidade e do gosto. (SCHÜLER, 1985, p. 34)

Mas, na poesia ainda há outro fator a considerar: o recurso do qual o poeta se vale para expressar o que deseja.

O sujeito, aprisionado até aqui pela objetividade da epopeia emerge tanto na poesia como na filosofia, quase ao mesmo tempo. Nesse período, chamado arcaico, desmorona o mundo mítico em que se apoia a epopeia. Os deuses se distanciam. Sua existência já não é tão evidente como nos tempos de Homero. Se preservados, enfrentam, severas objeções que lhes alteram profundamente o caráter. Retraíndo-se como distantes ideais de justiça, não se lhes consente a presença na vida cotidiana onde o homem se debate com as consequências do desamparo. O ocaso dos deuses provoca a emergência das sombras que se alojam no interior do homem. Enfraquecendo-se a voz que fala através do poeta, este passa a falar por si mesmo [...]. (SCHÜLER, 1985, p. 33-34)

Claro que isso não significa necessariamente uma exclusão do elemento religioso ou mesmo mítico. Em verdade, o mais importante a ser dito é que o fenômeno de "mudança" do pensamento filosófico foi, sobretudo, um fator primordial para toda uma mudança na práxis poética. Em verdade, pode-se dizer que este momento,

trata-se de mais outro tipo de religiosidade que obrigava o homem das colônias a viver mais por si mesmo e a desenvolver uma certa ousadia intelectual. O itinerário do pensamento pré-socrático não se desdobra do mito ao logos, mas de um logos mítico para um logos mais acentuadamente noético. (BORHEIM, 1999, p. 9-10)

Evidentemente que o mito, pela sua forte presença na tradição, sobreviveria, sim, à questão da "racionalidade" da poesia; porém, a sua presença, agora, está consubstanciada sob um outro aspecto. Agora, ele é objeto de releitura, reinterpretação de acordo com as concepções sociais, filosóficas e culturais desse novo momento.

Justamente porque a poesia lírica teve seu surgimento ligado a uma nova noção de realidade vivida pelo pensamento humano, mais voltado para o racional é que ocorreu um desenvolvimento dos processos intuitivos de criação. O desenvolvimento da intuição, contudo, não significou o alheamento do poeta em relação ao mundo que o rodeava. Significou, sim, uma nova maneira de avaliar a sua presença neste mundo na medida em que uma nova compreensão dos fenômenos deste mundo passava a ter repercussão nas expressões artísticas. A poesia, é claro, não seria exceção.

Estavam aqui lançadas as bases para o que viria a se tornar o cultivo da vida interior na prática poética. Com as condições cada vez mais favoráveis para a reflexão sobre o homem e o mundo, tornou-se possível que a vida interior não fosse apenas cultivada no pensamento, mas também levada a cabo através da literatura e, mais especificamente, no caso de nossa discussão, através da produção poética.

3. Safo de Lesbos ou um exemplo de imersão do filosófico no poético

A poesia de Safo de Lesbos pode ser apontada como um dos momentos em que é possível vislumbrar o resultado da contribuição filosófica no contexto da prática poética. Como exemplo desta questão, utilizamos aqui o fragmento 16, no qual Safo aborda sobre a saudade que sente de uma de suas discípulas⁴, a qual, aqui, é chamada de Anactória.]

A presença de um ente querido, lembrado em um momento de saudade constitui a situação propícia para a construção do universo do indivíduo ou, dito de outro modo, da vida interior. Este universo no poema em questão revela-se por meio da angústia pela ausência de Anactória, o que propicia a evocação do ente querido de uma forma tão intensa que o fato literário, isto é o poema, acaba em seu contexto, como que “trazendo” Anactória de volta ao ambiente de Safo.

Através da evocação, esta presença torna-se semelhante à que se teria se a moça de fato estivesse na companhia de Safo ao momento da escritura. Considerando-se que o universo filosófico da literatura lírica da Grécia antiga foi sucessor de outro, o universo homérico, totalmente marcado pelo empirismo e pela objetividade, as sensações individuais interiores apresentadas por Safo no poema em questão ilustram a nova mentalidade que a literatura grega adquiriu por ocasião do advento da poesia lírica. Contudo, este advento não teria as marcas de “pesquisa interior” que legou a nós se não houvesse um “despertar filosófico” promovido pela filosofia pré-socrática. Com efeito, o advento dessa filosofia permitiu a viabilidade de enfatizar, através da arte poética, o indivíduo enquanto conjunto de sensações interiores a serem exploradas e conhecidas através da reflexão.

A partir de uma nova concepção de indivíduo, o homem deixa de ser um ente que se vê a partir do outro através de uma perspectiva especular, praticamente destituído de interioridade. No mundo homérico, dominado pelos conceitos de “thymos” (honra) e “nóos” (inteligência), a explicação da repercussão exterior de sensações interiores, que posteriormente seriam exploradas com a descoberta do indivíduo, teria interpretação ligada não apenas à divindade, mas também à magia:

Certamente, nos tempos anteriores a Homero, dominou a magia e a feitiçaria; sem dúvida, a concepção que Homero tem da alma e do espírito remonta à essa época “mágica”, pois é fácil imaginar que órgãos anímicos como thymós e nóos, que não pensam e não se movem por si mesmos, hão-se ser presa da magia, e que os homens que assim interpretam a sua interioridade hão de sentir como palco de misteriosos e caprichosos poderes. (SNELL, 1992, p. 46)

A descoberta do indivíduo é, pois um sinal claro de rompimento com o pragmatismo e o racionalismo que estruturava a visão homérica do mundo, implicando uma – ainda simplória, mas já ocorrente – análise psicológica que o ser humano faz de si mesmo enquanto discorre sobre

⁴ Anactória é um dos nomes até nós chegados de moças que, em Lesbos, teriam freqüentado o Tiaso, espécie de escola destinada à educação das jovens antes do casamento. A tradição estabelece que havia vários tiasos em Lesbos, sendo o de Safo o mais famoso em toda a ilha.

aquilo que sente. A presença evocada na memória, por si só, já é a vitamina, o alimento do coração, que já se conforma com o caráter "ilusório" de tal presença porque já se encontra desenvolvida em sua mentalidade (favorecida pelo desenvolvimento da filosofia) a predisposição para se conformar com esta pura e simples visão, pois ela se apresenta como o motor de todo um conjunto de sensações a serem exploradas literariamente.

Neste sentido mesmo que o ente querido não esteja presente, a sua imagem e a visualização minuciosa dos detalhes que a ela se relacionam (andar arrebatador, o cintilar dos olhos) é uma prova mais que contundente da força desta presença na vida de quem a constrói no pensamento; acima de tudo, é uma prova de que o ser humano já está consciente de que é capaz de reflexões complexas via literatura a respeito da influência de pessoas e coisas em sua vida. Até porque

"A lembrança é um laço espiritual que une os homens [...]. [...] as pessoas que se amam encontram-se no sentimento da lembrança[...] que cria um acordo entre duas almas. Através da nostalgia, o espírito se desloca no tempo e no espaço, criando uma comunhão com aquele que por ele é lembrado."
(SNELL, 1994, p. 77)

A prática da poesia lírica proporcionou maior respaldo para o universo do pensamento, representando, assim, a descoberta que o indivíduo faz de si mesmo enquanto ser humano com um universo interior complexo, cujos sentimentos são, agora, passíveis de representação na arte, mais especificamente na arte literária. Através da noção da lembrança como fator de aproximação à pessoa lembrada, aquele que lembra descobre que a necessidade de estar em comunhão com alguém tem de ser satisfeita de qualquer forma possível, ainda que esta forma seja abstrata, o que faz concluir que a necessidade de proximidade é algo deveras imperioso e que precisa ser satisfeita não importando quais os recursos a serem utilizados para tal.

Por outro lado, é sempre bom lembrar que em um momento cultural da Grécia antiga ainda dominado pela credibilidade dada à presença concreta, sentida no aqui e agora, o tema abordado no poema de Safo faz desta escritora não apenas um caráter sensível, mas também um caráter à frente de seu tempo, o que torna mais do que justificável o seu valor na história da descoberta do indivíduo e, por consequência, na história do pensamento como um todo, pois

Safo inventa a poesia da interioridade
Da qual não existe modelo. [...]
A separação física provoca o nascimento
deste outro corpo, o da poesia [...]. A
comunidade que, na poesia de tradição épica,
provinha da proximidade efetiva e de objetos comuns,
surge agora como resultado da separação, alimentada
por sentimentos que vencem as distâncias e o
passar dos anos.
(SCHÜLER, 1985, p. 49-51)

O crescimento da vida interior, que foi um fenômeno marcante na poesia lírica da Grécia antiga, resultou na descoberta de uma noção hoje muito comum para nós: a noção de que, quando

lembramos de alguém, lembramos essa pessoa pelo que ela de mais significativo representa ou, em outras palavras, lembramos o que queremos lembrar a respeito dela, e aquilo que queremos lembrar está diretamente ligado ao teor de significação que a pessoa lembrada possui em nossas vidas.

Não se quer dizer aqui que a vida interior das pessoas da época em questão se resumisse a lembranças e análise psicológica. A vida interior de alguém tão remoto é praticamente impossível de saber a não ser que esse alguém, a exemplo de Safo, tivesse deixado, como ela deixou, registradas no papel as suas concepções sobre si e/ou sobre o mundo que a cercava. O que se quer dizer, sim, é que esta vida interior de lembranças e análise psicológica era um fato novo porque aparecia pouco no pensamento grego até então e, antes da poesia lírica, não havia um “eu” que esboçasse de forma consistente uma análise psicológica mais profunda de si mesmo assim como também não havia uma descrição mais fundamentada do universo dos pensamentos do ser humano a exemplo do que ocorre em Safo.

No entanto, é preciso lembrar, também, que o fato de ter um intenso e profundo envolvimento com uma vida interior não quer dizer necessariamente que Safo torna-se alheia ao mundo em que vive, como, séculos depois, aconteceria no romantismo, por exemplo. Isto porque:

É a memória o que [...] une [...] por cima das distâncias [...] Mas este elemento anímico não se perde no sentimentalismo, não assume uma atitude de hostilidade ou fuga perante o mundo; é a lembrança de coisas totalmente terrenas, sensíveis, belas e luminosas. A recordação faz com que essas coisas continuem a existir e que perdue a alegria que nela se tem e proporcione aos que as saborearam o sentimento de íntima compenetração. (SNELL, 1992, p. 115)

Considerações finais

A visão da pessoa cuja ausência é sentida e a aceitação desta pura e simples “contemplação” mediante exploração das sensações interiores através da lembrança constitui um depoimento concreto sobre a descoberta da interioridade. Vale dizer que esta descoberta não é privilégio da escritora em questão. O seu destaque não é tanto por ineditismo, mas pela delicadeza e sensibilidade inigualáveis na poesia lírica grega, por ser o único momento em que a descoberta do indivíduo é trabalhada de maneira profunda pela perspectiva de um caráter feminino.

Ainda que não se saiba com exatidão a dimensão total da contribuição feminina tanto na poesia como até mesmo na construção o pensamento filosófico do ocidente, é inegável a contribuição de Safo de Lesbos, conforme examinamos acima, para a consolidação na arte dos fundamentos da visão do indivíduo lançados pela filosofia pré-socrática. Tal contribuição promove e enfatiza a importância da reflexão, da perscrutação do interior por parte do ser humano não apenas para entender a si mesmo, mas também e principalmente para entender o mundo à sua volta e sua inserção como indivíduo neste mundo com o qual entabula as mais diversas relações ao longo de sua vida.

Referências Bibliográficas

- ADRADOS, Francisco Rodríguez. *El Mundo de la Lírica Griega Antigua*. Madrid: Alianza, 1981.
- _____. *Sociedad, Amor y Poesía en la Grecia Antigua*. Madrid: Alianza, 1995.
- ADORNO, Theodor. "Lírica e Sociedade". Tradução de R.R. Torres Filho com assessoria de R. Schwartz. In: BENJAMIN, W. et al. *Ensaios escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)
- BORNHEIM, Gerd (org.). *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 2000.
- BOWRA, C. M. *Greek lyric poetry (From Alcman to Simonides)*. Oxford: University Press, 1961.
- HEGEL, G. F. *Estética: poesia*. Tradução de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães, 1964. v. 7.
- JAEGER, W. *Paidéia (A formação do homem grego)*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1995.
- PAGE, Denis. *Sappho and Alcaeus: an introduction to the study of ancient lesbian poetry*. Oxford: Clarendon Press, 1955.
- SEVERINO, Emanuele. *A filosofia antiga*. Tradução de José Eduardo Rodil. Lisboa: Edições 70, 1986.
- SHAPIRO H. A Performance da Sabedoria na Cultura Grega Arcaica. In: SHAPIRO H. A. (ed.). *The Cambridge companion to archaic Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- SNELL, B. *A cultura grega e as origens do pensamento europeu*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1975.
- VERNANT, Jean Pierre. *As origens do pensamento grego*. 5. ed. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Difel, 1986.